

AS CRIANÇAS NARRAM A NATUREZA: BRINCAR LIVRE, EXPERIÊNCIAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CHILDREN NARRATE NATURE: FREE PLAY, EXPERIENCES, AND THE PRODUCTION OF MEANING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

LAS NIÑAS Y LOS NIÑOS NARRAN LA NATURALEZA: JUEGO LIBRE, EXPERIENCIAS Y PRODUCCIÓN DE SENTIDOS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Ananda Vieira dos Santos¹

Marilete Calegari Cardoso²

RESUMO: Este artigo analisa as narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil acerca de suas experiências de brincar livre em ambientes naturais, buscando compreender os sentidos construídos por elas nas relações estabelecidas consigo mesmas, com seus pares e com a natureza. Fundamentado nos estudos da infância, que reconhecem as crianças como sujeitos sociais, produtoras de cultura e protagonistas de suas experiências, o estudo analisa as narrativas infantis como formas legítimas de expressão e produção de conhecimento sobre o mundo. De abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, a pesquisa foi realizada em uma creche pública do município de Maracás, Bahia, com 21 crianças de quatro e cinco anos. A produção de dados ocorreu por meio de observação participante, registros em diário de campo e escuta das narrativas infantis durante situações de brincar livre em espaços naturais. Os resultados evidenciam que a natureza constitui um território potente de imaginação, criação, investigação e construção de vínculos, ao possibilitar que as crianças produzam sentidos sobre suas experiências. Revelam também tensões entre as culturas infantis e a organização institucional dos tempos e espaços da Educação Infantil. Conclui-se que as narrativas infantis potencializa práticas pedagógicas comprometidas com o direito ao brincar livre e na natureza.

Palavras-chave: Narrativas infantis. Brincar livre. Natureza. Educação Infantil.

¹Doutoranda em Educação-PPGE/UESB. Bolsista Capes.

²Doutora em Educação (UFBA), Pós-doutorado em Infâncias (UFSCar/Sorocaba). Professora Titular do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ABSTRACT: This article analyzes the narratives produced by children in Early Childhood Education about their experiences of free play in natural environments, seeking to understand the meanings they construct through the relationships they establish with themselves, their peers, and nature. Grounded in Childhood Studies, which recognize children as social subjects, cultural producers, and protagonists of their own experiences, the study understands children's narratives as legitimate forms of expression and knowledge production about the world. Adopting a qualitative approach with ethnographic inspiration, the research was conducted in a public daycare center in the municipality of Maracás, Bahia, Brazil, involving 21 children aged four and five years. Data were generated through participant observation, field notes, and the listening to children's narratives during free play in natural settings. The findings reveal that nature constitutes a powerful territory for imagination, creativity, inquiry, and the construction of relationships, enabling children to produce meanings from their lived experiences. The study also highlights tensions between children's cultures and the institutional organization of time and space in Early Childhood Education. It concludes that listening to children's narratives strengthens pedagogical practices committed to the right to free play and to everyday experiences in and with nature.

Keywords: Children's narratives. Free play. Nature. Early Childhood Education.

RESUMEN: Este artículo analiza las narrativas producidas por niñas y niños de la Educación Infantil acerca de sus experiencias de juego libre en entornos naturales, con el propósito de comprender los sentidos que construyen en las relaciones que establecen consigo mismos, con sus pares y con la naturaleza. Fundamentado en los Estudios de la Infancia, que reconocen a las niñas y los niños como sujetos sociales, productores de cultura y protagonistas de sus propias experiencias, el estudio entiende las narrativas infantiles como formas legítimas de expresión y de producción de conocimiento sobre el mundo. Desde un enfoque cualitativo y con inspiración etnográfica, la investigación se llevó a cabo en un centro público de Educación Infantil del municipio de Maracás, estado de Bahía, Brasil, con la participación de 21 niñas y niños de cuatro y cinco años de edad. La producción de los datos se realizó mediante observación participante, registros en diario de campo y la escucha de las narrativas infantiles durante situaciones de juego libre en espacios naturales. Los resultados evidencian que la naturaleza constituye un territorio privilegiado para la imaginación, la creación, la exploración y la construcción de vínculos, al posibilitar que las niñas y los niños produzcan sentidos sobre sus experiencias. Asimismo, revelan tensiones entre las culturas infantiles y la organización institucional de los tiempos y espacios de la Educación Infantil. Se concluye que las narrativas infantiles fortalece prácticas pedagógicas comprometidas con el derecho al juego libre y la naturaleza.

Palabras clave: Narrativas infantiles. Juego libre. Naturaleza. Educación Infantil.

INTRODUÇÃO

As crianças produzem narrativas sobre o mundo desde os primeiros anos de vida. Por meio das brincadeiras, dos gestos, das falas, dos silêncios, dos desenhos e das interações que estabelecem com outras crianças, com os adultos e com os espaços que habitam, constroem significados sobre suas experiências e revelam modos singulares de compreender a realidade. Reconhecer o valor das narrativas infantis implica superar concepções que, historicamente, posicionaram a criança como objeto de observação e afirmar sua condição de sujeito social, capaz de produzir cultura, atribuir sentidos e comunicar suas próprias formas de viver a infância.

As narrativas infantis constituem importantes formas de expressão, comunicação e produção de sentidos. Ao narrar, as crianças organizam pensamentos, reelaboram acontecimentos, compartilham experiências e constroem interpretações sobre o mundo que as cerca. Nesse processo, imaginação e experiência se articulam na criação de novos sentidos. Como destaca Girardello (2020), a competência narrativa desenvolve-se nas interações sociais, especialmente nas relações estabelecidas com adultos e com outras crianças, possibilitando que a imaginação articule elementos da experiência vivida para produzir novos sentidos. Pela narrativa, a criança exerce a atividade combinatória de sua imaginação, construindo algo novo que faz sentido para ela a partir do que vê. Dessa forma, escutar as narrativas infantis significa reconhecer formas de conhecimento frequentemente silenciadas por perspectivas centradas exclusivamente na interpretação adulta da criança.

Entre as múltiplas linguagens por meio das quais as crianças produzem narrativas, o brincar ocupa um lugar central. Essa experiência lúdica constitui uma forma de linguagem, expressão e produção cultural, por meio da qual as crianças interpretam, recriam e transformam a realidade. Durante a brincadeira, experimentam diferentes papéis, estabelecem e negociam regras, constroem narrativas, atribuem novos significados aos objetos e elaboram mundos imaginários, produzindo sentidos sobre suas experiências, como enfatiza Fonseca (2026).

Portanto, brincar e narrar constituem processos indissociáveis, pois, ao brincar, as crianças também narram suas vivências, expressam seus modos de pensar e constroem significados compartilhados com seus pares.

Quando essas experiências ocorrem em ambientes naturais, ampliam-se as possibilidades de investigação, imaginação e criação. A natureza, ao oferecer diversidade de materiais, desafios, sons, texturas e elementos, potencializa a curiosidade infantil e favorece a construção de experiências significativas. O brincar livre na natureza possibilita a emergência das culturas infantis, fortalecendo a autonomia, a curiosidade, o sentimento de pertencimento e a participação, ao permitir que as crianças vivenciem diferentes formas de interação com os elementos naturais e com seus pares.

Apesar desse reconhecimento, a presença cotidiana das crianças em ambientes naturais ainda enfrenta limites impostos pela organização das instituições de Educação Infantil. Estudos apontam que muitas crianças permanecem grande parte do tempo em ambientes fechados, submetidas a rotinas institucionais que restringem o movimento, a exploração e o contato

cotidiano com a natureza (BARROS, 2018; TIRIBA, 2018/2024; TIRIBA; PROFICE, 2023). Essa realidade, denominada por Tiriba (2018) de "emparedamento da infância", evidencia uma tensão entre as necessidades das crianças e determinadas formas de organização da rotina escolar, que reduzem as possibilidades de experiências corporais, sensoriais e investigativas.

Além das limitações relacionadas aos espaços externos e aos tempos institucionais, observa-se que as experiências infantis ainda são frequentemente interpretadas a partir de perspectivas adultocêntricas, o que pode invisibilizar os sentidos produzidos pelas próprias crianças sobre suas vivências (COELHO, 2024; CARDOSO, 2025; PIRES; SANTOS; CARDOSO, 2025). Embora os estudos sobre o brincar e a natureza tenham ampliado a compreensão acerca da importância dos ambientes externos para a infância, permanece uma lacuna no campo educacional quanto às pesquisas que tomam as narrativas das crianças como eixo central de análise, buscando compreender os sentidos que elas atribuem às suas experiências de brincar livre em ambientes naturais.

Essa lacuna revela a necessidade de considerar as crianças como interlocutoras legítimas na produção de conhecimentos sobre a infância. Conforme Borba (2007), as culturas infantis são continuamente recriadas nas interações entre as crianças, constituindo formas próprias de significação e participação social. Desse modo, investigar suas narrativas possibilita compreender não apenas o que fazem durante as brincadeiras, mas, principalmente, os sentidos que atribuem às experiências que vivenciam.

É nesse cenário que se insere o presente artigo, fruto da pesquisa³ de mestrado intitulada "*Além das portas: a natureza como palco para as experiências do brincar livre de crianças em uma creche no município de Maracás-BA*", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A investigação, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, buscou compreender como crianças da Educação Infantil experienciam o brincar livre em ambientes naturais e os sentidos que atribuem a essas vivências. Neste artigo, privilegiam-se as narrativas infantis como eixo analítico, compreendendo-as como dispositivos que possibilitam acessar as interpretações produzidas pelas próprias crianças acerca de suas experiências.

³ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob parecer nº 7.243.337, conforme as diretrizes da Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 510/2016.

Diante desse contexto, o objetivo deste estudo é analisar as narrativas produzidas por crianças sobre suas experiências de brincar livre em ambientes naturais de uma creche pública do município de Maracás, Bahia. Ao reconhecer as crianças como protagonistas de suas histórias e produtoras de conhecimentos sobre os mundos que habitam, busca-se contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas que valorizem a escuta sensível e o brincar livre na natureza como dimensões fundamentais da Educação Infantil.

MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, orientada pela perspectiva de compreender os sentidos atribuídos por crianças da Educação Infantil às experiências de brincar livre em ambientes naturais. Considerando que o foco analítico deste artigo recai sobre as narrativas infantis, adotou-se, como princípio metodológico, a escuta das crianças em seus contextos cotidianos, buscando apreender as diferentes formas pelas quais expressam, interpretam e significam suas experiências.

O estudo fundamenta-se nos pressupostos da Sociologia da Infância, compreendendo as crianças como participantes ativas da vida social, produtoras de culturas e sujeitos de direitos (FERNANDES, 2021). Essa perspectiva orientou as escolhas metodológicas, especialmente no que se refere à valorização das múltiplas linguagens infantis e ao reconhecimento das crianças como interlocutoras legítimas na produção de conhecimentos sobre suas experiências.

A pesquisa aproximou-se da abordagem etnográfica por possibilitar a inserção prolongada no cotidiano da instituição e o acompanhamento das relações, das interações e dos acontecimentos nos contextos em que as experiências infantis eram produzidas. Conforme Geertz (2008), a etnografia constitui um movimento interpretativo voltado à compreensão dos significados construídos nas práticas sociais, considerando a complexidade dos contextos e das relações estabelecidas pelos sujeitos.

O campo empírico foi uma creche pública situada no município de Maracás, Bahia, identificada neste estudo pelo pseudônimo *Recanto dos Girassóis*, como forma de preservar sua identidade institucional. Participaram da pesquisa 21 crianças com idades entre quatro e cinco anos, matriculadas em uma turma da pré-escola. O trabalho de campo foi desenvolvido entre março e outubro de 2025, período em que foram acompanhadas diferentes situações da rotina institucional, com ênfase nas experiências de brincar livre em ambientes naturais.

A produção das informações ocorreu por meio da observação participante, do diário de campo, de registros fotográficos e de entrevistas semiestruturadas. A observação participante possibilitou acompanhar as interações, as brincadeiras e os modos de exploração das crianças nos diferentes espaços da instituição. O diário de campo foi utilizado para registrar situações vivenciadas, diálogos, impressões da pesquisadora e reflexões produzidas ao longo do percurso investigativo.

As entrevistas foram conduzidas de maneira flexível e dialógica, respeitando as especificidades comunicativas das crianças e permitindo que suas narrativas emergissem a partir das experiências vividas. Partiu-se do entendimento de que, na infância, a narrativa não se restringe à linguagem verbal, manifestando-se também por meio dos gestos, dos movimentos corporais, das brincadeiras, dos desenhos e das interações estabelecidas com outras crianças, com adultos e com os elementos da natureza (CRUZ, 2009). Assim, as narrativas foi compreendida como um processo de atenção às múltiplas linguagens infantis, reconhecendo que as crianças narram e produzem sentidos por diferentes formas de expressão.

O corpus analítico foi constituído pelas narrativas produzidas pelas crianças durante as experiências de brincar livre em ambientes naturais, considerando tanto as narrativas orais quanto aquelas expressas por meio das brincadeiras, dos gestos, das ações, dos desenhos e das interações estabelecidas ao longo do trabalho de campo. A análise ocorreu em uma perspectiva interpretativa, buscando identificar os sentidos atribuídos pelas crianças às suas experiências e compreender como, em suas narrativas, emergiam relações de imaginação, criação, pertencimento e interação com a natureza. O processo analítico foi desenvolvido em diálogo permanente entre o material empírico e o referencial teórico da pesquisa, compreendendo as narrativas infantis como produções culturais e formas legítimas de conhecimento sobre a infância.

Em consonância com os princípios éticos que orientam as pesquisas com crianças, foram assegurados o consentimento dos responsáveis legais, o assentimento das crianças e a preservação da identidade dos participantes por meio da utilização de pseudônimos. Durante todo o percurso investigativo, respeitaram-se os tempos, os interesses e as formas de participação das crianças, valorizando suas vozes e reconhecendo sua condição de sujeitos de direitos.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o Parecer nº 7.243.337, em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Todos os procedimentos éticos foram observados, assegurando o respeito aos princípios da autonomia, da dignidade, da privacidade e da confidencialidade dos participantes, bem como a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis legais e do assentimento das crianças, respeitando suas formas de expressão e participação ao longo de toda a investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das narrativas produzidas pelas crianças permitiu compreender que o brincar livre em ambientes naturais constitui uma experiência que ultrapassa a dimensão da atividade lúdica, configurando-se como um processo de construção de sentidos sobre o mundo. As falas, os gestos, as brincadeiras e as interações observadas revelam que as crianças interpretam o ambiente em que estão inseridas, estabelecem vínculos com os seres que o habitam, atribuem novos significados aos elementos naturais e elaboram formas singulares de compreender a realidade. Ao mesmo tempo, suas narrativas evidenciam tensões entre o tempo vivido pelas crianças e o tempo instituído pela organização escolar, tornando visíveis os limites impostos às vivências de brincar em contato com a natureza.

A interpretação do material empírico permitiu identificar quatro eixos analíticos inter-relacionados, que evidenciam diferentes dimensões das narrativas infantis e dos sentidos atribuídos pelas crianças às suas experiências: (i) a natureza como território de pertencimento, cuidado e coexistência; (ii) a natureza como espaço de imaginação, criação e produção simbólica; (iii) as narrativas infantis como forma de produção de conhecimentos sobre o mundo; e (iv) as tensões entre o tempo da infância e a organização institucional da Educação Infantil.

A natureza como lugar de encontro, cuidado e pertencimento

As experiências de brincar livre em ambientes naturais revelaram que as crianças estabelecem relações de pertencimento com os seres vivos e os elementos presentes no quintal da creche. Em suas narrativas, a natureza não se configura apenas como um cenário para as brincadeiras, mas como um território compartilhado, no qual humanos e não humanos

coexistem, interagem e constroem vínculos. Essa compreensão manifesta-se nas formas como nomeiam, interpretam e atribuem significados aos elementos naturais, produzindo narrativas que expressam cuidado, afeto e identificação com o ambiente.

Durante uma das vivências no quintal da creche *Recanto dos Girassóis*, um grupo de crianças chamou a pesquisadora para apresentar uma pequena tartaruga encontrada entre os canteiros. Com entusiasmo, anunciaram: "Vem ver, pró, a nossa mascotinha!". Ao conversarem sobre o animal, acrescentaram: "Ela é a nossa tartaruga"; "Sabia que ela come as couves da nossa horta?"; "Ela mora aqui"; "Ela não tem medo" (Diário de campo, jun. 2025).

Mais do que identificar a presença da tartaruga naquele espaço, as crianças a reconhecem como integrante do território e das relações construídas cotidianamente. A expressão "nossa tartaruga" não remete à ideia de posse, mas sim, um vínculo de pertencimento. Ao afirmarem que o animal "mora aqui", reconhecem a creche como um ambiente compartilhado por diferentes formas de vida, evidenciando uma compreensão relacional da natureza, na qual humanos e demais seres coexistem e compartilham o mesmo espaço.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Tiriba (2018), ao afirmar que as crianças são "proativas e propositivas", envolvendo-se integralmente nas experiências que despertam seu interesse. Para a autora, a relação direta, corporal e sensível com aquilo que mobiliza a curiosidade infantil favorece a construção de vínculos, o sentimento de pertencimento e o prazer de explorar e conhecer. Esses aspectos tornam-se visíveis nas narrativas produzidas durante as vivências no ambiente natural da creche.

A interpretação das narrativas também permite problematizar perspectivas antropocêntricas que posicionam o ser humano em condição de superioridade em relação aos demais seres vivos. Conforme Boff (2012), a separação entre humanidade e natureza favorece relações marcadas pelo distanciamento e pela exploração. Em sentido oposto, as experiências no cotidiano e não apenas orientadas por prescrições ou discursos produzidos pelos adultos.

As narrativas revelam, ainda, o encantamento das crianças diante da natureza, produzido nas experiências de exploração e observação. Nesse aspecto, dialogam com Barros (2018), para quem brincar em ambientes naturais constitui um direito da infância, por possibilitar investigar, experimentar, esconder-se, descobrir e encantar-se com o mundo. O encantamento observado nesta pesquisa não se manifesta como uma reação pontual diante de

algo extraordinário; ao contrário, constitui uma disposição permanente para estabelecer relações sensíveis com o ambiente, reconhecendo-o como espaço de descoberta e aprendizagem.

Os resultados também convergem com Tiriba (2018) ao evidenciar que o envolvimento das crianças com a natureza se constrói na experiência direta e na liberdade de explorar. Ao circularem pelo quintal, observarem diferentes seres vivos e interagirem espontaneamente com os elementos naturais, elas constroem vínculos afetivos, formulam interpretações sobre o ambiente e produzem sentidos acerca das experiências vividas. Desse modo, o pertencimento expresso em suas narrativas, emerge da convivência cotidiana com a natureza e reafirma o brincar livre como uma experiência capaz de favorecer relações de cuidado, investigação e produção de conhecimentos sobre o mundo.

Entre pedras, nuvens e invenções: a potência imaginativa do brincar livre

As narrativas produzidas pelas crianças evidenciam que o brincar livre em ambientes naturais amplia as possibilidades de imaginação, criação e produção simbólica. Nesse contexto, os elementos da natureza deixam de assumir funções previamente definidas para integrar universos simbólicos construídos pelas próprias crianças, que reinterpretam o ambiente, atribuem novos significados aos objetos e elaboram diferentes formas de compreender a realidade. Nesses processos, corpo, natureza e imaginação articulam-se de maneira indissociável, revelando que o brincar constitui uma experiência de criação, interpretação e produção de sentidos sobre o mundo.

Essa dimensão tornou-se particularmente evidente durante uma das vivências no quintal da creche. Após um período de brincadeiras ao ar livre, uma criança aproximou-se da pesquisadora e comentou

- "*Olha pro meu rosto, tá ensolador...
quente igual o sol e vermelho igual um pimentão*".

Ao ser questionada sobre a sensação, respondeu sorrindo
-: "*É porque o sol gosta de mim hoje*" (Diário de campo, Agos de 2025).

A narrativa ultrapassa a descrição de uma sensação física provocada pelo calor. Ao afirmar que “o sol gosta de mim”, a criança produz uma explicação imaginativa para a experiência vivida, atribuindo intencionalidade a um elemento da natureza e estabelecendo com

ele uma relação afetiva. Corpo, linguagem e ambiente tornam-se indissociáveis, revelando que a experiência corporal também é atravessada pela imaginação e pela produção de significados.

A potência criadora da imaginação também se manifestou em outra situação observada no quintal. Após recolher pequenas pedras do chão, uma criança organizou-as cuidadosamente em uma tampa de plástico e aproximou-se da pesquisadora dizendo:

- *"Fiz biscoitos".*
Em seguida, perguntou:
- "Quer comer?" (Diário de campo, jul de 2025).

Nesse episódio, as pedras deixam de ser simples elementos naturais para integrar a narrativa construída durante a brincadeira. Ao lhes atribuir novos significados, a criança recria simbolicamente a realidade e transforma materiais não estruturados em elementos de um universo imaginário. Esse movimento evidencia que o brincar livre não se limita à manipulação de objetos, mas constitui um processo de ressignificação do ambiente, no qual a imaginação possibilita produzir novas formas de interpretar e experienciar o mundo.

Essa compreensão dialoga com Cardoso (2018), ao afirmar que os materiais não estruturados potencializam experiências criativas por ampliarem as possibilidades de exploração, invenção e criação durante o brincar livre. Na mesma direção, Louv (2016) destaca que os ambientes naturais favorecem os processos imaginativos justamente por oferecerem elementos abertos à experimentação, à curiosidade e à criação.

10

Outra narrativa revelou a estreita relação entre observação, imaginação e produção de sentidos. Enquanto contemplavam o céu, duas crianças acompanharam atentamente o movimento das nuvens:

- *"Olha, parece um bicho".*
Após alguns segundos, a outra respondeu:
- "É um cachorro... não, agora virou um cavalo".
A primeira então completou:
- "Ele tá andando devagar" (Diário de campo, jul de 2025).

A cena evidencia que a observação do ambiente não se limita ao reconhecimento das formas presentes na natureza, mas desencadeia processos narrativos por meio dos quais as crianças interpretam o que veem e atribuem novos sentidos às suas experiências. As nuvens deixam de ser apenas fenômenos atmosféricos para dar origem a histórias, personagens e movimentos criados coletivamente durante a brincadeira.

Esses episódios dialogam com Girardello (2020), ao demonstrar que a imaginação infantil articula elementos da experiência vivida na construção de novos sentidos, produzindo narrativas que aproximam realidade e criação. Também convergem com as reflexões de Brougère (2006), para quem o brincar constitui uma produção cultural na qual as crianças reinterpretem os elementos disponíveis e os incorporam a universos simbólicos compartilhados. Nessa perspectiva, imaginar não significa afastar-se da realidade, mas interpretá-la, transformá-la e produzir novas formas de compreendê-la.

Os achados evidenciam que o brincar livre em ambientes naturais favorece experiências nas quais imaginação, sensibilidade e criatividade se entrelaçam continuamente. Ao transformar pedras em biscoitos, conversar com o sol ou identificar animais nas nuvens, as crianças constroem narrativas que expressam modos singulares de sentir, interpretar e habitar o mundo. Mais do que representar a realidade, elas a recriam, revelando que a natureza se constitui como um território fértil para a imaginação, a produção de conhecimentos e o fortalecimento das culturas infantis.

“Ainda não, pró”: o tempo da infância diante dos limites institucionais

11

Se, por um lado, as narrativas analisadas revelam a potência da natureza como espaço de pertencimento, imaginação e construção de sentidos, por outro, evidenciam os limites impostos pela organização institucional à continuidade dessas vivências. As falas das crianças mostram que o tempo destinado ao brincar livre nem sempre corresponde aos seus interesses e às suas necessidades, tornando visível a tensão entre o tempo vivido na infância e o tempo regulado pela rotina escolar.

Essa tensão tornou-se particularmente evidente em um dos momentos de transição entre o quintal e a sala de aula. Quando foi necessário interromper as brincadeiras para o retorno às atividades, enquanto as demais crianças começavam a se organizar, uma delas permaneceu imóvel, observando o espaço ao seu redor, e expressou sua insatisfação:

- “Ainda não, pró.”
- Em seguida, acrescentou:
- “Foi tão rápido.”
- “Eu nem brinquei direito.”

Questionada sobre qual era o lugar mais interessante da creche, respondeu imediatamente:

-“É claro que o quintal, porque tem areia, grama e muito espaço para brincar”.

Em seguida, completou:

- “Mas nunca dá tempo de fazer nada aqui fora” (Diário de campo, jun de 2025)

Mais do que expressar o desejo de permanecer no quintal, essas narrativas revelam que as crianças reconhecem a insuficiência do tempo destinado ao brincar em ambientes naturais. A expressão "ainda não, pró" sintetiza o conflito entre duas temporalidades: de um lado, o tempo da infância, marcado pela exploração, pela curiosidade e pela continuidade das vivências; de outro, o tempo institucional, regulado por horários, rotinas e atividades previamente estabelecidas. Desse modo, o brincar deixa de ser compreendido como um intervalo entre tarefas consideradas mais importantes e passa a constituir a própria experiência por meio da qual as crianças investigam, imaginam e constroem conhecimentos sobre o mundo.

Essa interpretação dialoga com Costa (2020), ao evidenciar que a organização escolar frequentemente subordina o brincar ao tempo cronológico, transformando-o em uma atividade rigidamente delimitada e interrompida pelo relógio. Nessa lógica, a experiência lúdica perde continuidade justamente quando as crianças se encontram mais envolvidas em seus processos de criação, exploração e descoberta.

12

Em perspectiva semelhante, Carvalho (2015) observa que a ritualização da rotina restringe as possibilidades de escolha das crianças e reduz sua participação nas decisões que organizam o cotidiano da Educação Infantil. Os achados desta pesquisa reforçam essa compreensão ao demonstrar que elas não apenas vivenciam essas limitações, mas também as reconhecem, questionam e as transformam em narrativas sobre suas próprias experiências.

Essa discussão também se articula às reflexões de Tiriba et al. (2023), que defendem o reconhecimento das crianças como sujeitos plenos no tempo presente, e não apenas como futuros alunos em preparação para etapas posteriores da escolarização. Ao reivindicarem permanecer por mais tempo no quintal, elas afirmam o direito de viver plenamente suas experiências e contestam, ainda que de forma sutil, uma organização institucional que frequentemente subordina seus interesses às exigências da rotina escolar.

Outro aspecto significativo observado durante o trabalho de campo refere-se à maneira como as crianças mantinham o olhar voltado para o ambiente externo mesmo quando estavam na sala de aula. Em diferentes momentos, aproximavam-se das janelas e comentavam:

— “*Lá fora tá bonito hoje.*”
— “*Quando a gente vai pro quintal?*”

Em outras ocasiões, limitavam-se a observar, em silêncio, as árvores, o céu ou o movimento do vento entre as folhas (Diário de campo, jun. 2025).

Essas cenas indicam que o quintal ultrapassa a condição de um espaço destinado apenas às brincadeiras. Nas narrativas infantis, configura-se como um território de encontros, descobertas, liberdade e múltiplas possibilidades de interação. Como destacam Modler et al. (2024), os ambientes externos favorecem experiências de participação dificilmente reproduzidas em espaços fechados. Contudo, os resultados desta pesquisa mostrou que a simples existência desses ambientes não garante o direito das crianças de vivenciar a natureza. Quando o acesso é breve, controlado ou constantemente interrompido, reduzem-se também as oportunidades de criar, investigar e construir sentidos sobre o mundo.

Nessa perspectiva, o conceito de *emparedamento da infância*, formulado por Tiriba (2018) e aprofundado por Della Flora (2019), mostra-se particularmente fecundo para interpretar os resultados encontrados. Embora a creche disponha de áreas externas, a permanência das crianças nesses ambientes permanece condicionada por uma lógica institucional que privilegia o cumprimento da rotina em detrimento da experiência. Assim, o emparedamento não se restringe à ausência de espaços naturais, mas também se manifesta quando o tempo destinado ao contato com esses ambientes é continuamente reduzido.

Os resultados permitem afirmar que assegurar o direito das crianças ao contato com a natureza exige mais do que disponibilizar quintais, jardins ou áreas verdes. Requer reconhecer que o brincar livre demanda tempo, continuidade e autonomia para explorar o ambiente. Ao dizerem “ainda não, pró”, as crianças não reivindicam apenas alguns minutos a mais no quintal; afirmam o desejo de permanecer em uma experiência significativa, na qual podem imaginar, investigar, produzir narrativas, estabelecer vínculos com o mundo natural e construir conhecimentos sem que esses processos sejam interrompidos pela lógica cronológica da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil acerca de suas experiências de brincar livre em ambientes naturais, buscando compreender os sentidos atribuídos às relações estabelecidas com esses espaços, com seus pares e com os demais seres vivos. Os resultados evidenciam que tais narrativas constituem formas legítimas de produção de conhecimentos, por meio das quais interpretam suas vivências, constroem vínculos, elaboram significados e expressam modos singulares de compreender o mundo.

As análises demonstraram que a natureza é vivenciada como um território de pertencimento, cuidado, imaginação e criação. Ao reconhecerem uma tartaruga como parte de sua comunidade, transformarem pedras em biscoitos ou atribuírem novos significados às nuvens e ao próprio corpo em contato com o sol, as crianças revelam que o brincar livre ultrapassa a dimensão da atividade lúdica. Trata-se de uma experiência de investigação, invenção e produção cultural, na qual realidade e imaginação se articulam na construção de conhecimentos e de sentidos sobre a vida.

Ao mesmo tempo, os resultados evidenciaram que essas vivências são atravessadas por tensões decorrentes da organização dos tempos e dos espaços na Educação Infantil. As narrativas revelam que as crianças reconhecem os limites impostos à permanência nos ambientes externos e questionam a interrupção de experiências consideradas significativas. A expressão "Ainda não, pró", recorrente ao longo da pesquisa, sintetiza o conflito entre o tempo da infância e o tempo institucional, indicando que assegurar o direito à natureza exige não apenas garantir o acesso aos espaços externos, mas também respeitar o tempo necessário para que as experiências possam ser vividas em sua plenitude.

A principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar que as narrativas infantis não apenas descrevem as experiências de brincar na natureza, mas constituem produções culturais e epistemológicas por meio das quais as crianças interpretam, recriam e comunicam seus modos de compreender o mundo. Ao deslocar o foco das interpretações adultas para os significados produzidos pelas próprias crianças, a pesquisa reafirma a necessidade de reconhecê-las como sujeitos sociais, produtoras de cultura e de conhecimentos, fortalecendo perspectivas contemporâneas dos estudos da Infância comprometidas com a escuta de suas vozes e de suas múltiplas linguagens.

Do ponto de vista das implicações para a Educação Infantil, os resultados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam o brincar livre na natureza como uma

experiência estruturante da infância, e não como um momento secundário da rotina escolar. Isso implica repensar a organização dos tempos, dos espaços e das propostas educativas, ampliando as oportunidades de brincar em ambientes naturais e valorizando as narrativas infantis como fontes de conhecimento para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis aos modos de ser, brincar e aprender das crianças.

Por fim, este estudo não pretende esgotar a discussão sobre as relações entre infância, natureza e narrativas, mas contribuir para o fortalecimento desse campo de investigação. Novas pesquisas poderão ampliar esse debate em diferentes contextos educativos, contemplando distintas realidades socioculturais, faixas etárias e formas de participação infantil. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas contribuam para fortalecer o reconhecimento do direito das crianças ao brincar livre, ao contato com a natureza e à produção de narrativas sobre suas próprias experiências, reafirmando que escutá-las constitui um compromisso ético, político e epistemológico indispensável à construção de uma Educação Infantil que respeite seus modos próprios de viver, sentir, brincar e produzir conhecimentos sobre o mundo.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

15

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio da concessão de bolsa de estudos. Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Isabel Amando de(org.). **Desemparedamento da Infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018. 59 p.

BORBA, Angela. Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ensino Fundamental de Nove anos: 95 orientações gerais para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007. p. 33-44.

BRONFENBRENNER, Urie. (2005). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage Publications. BOFF, L. Saber cuidar. São Paulo: Vozes, 2012.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006. CHATEAU, Jean. O jogo e a criança. São Paulo: ummus: Papirus, 1987.

CARDOSO, Marilete. Cardooso. **Catadoras do Brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente.** 215 p. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

CARDOSO, Marilete Calegari. O brincar no ensino fundamental e suas ressonâncias para a formação docente. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, p. e17288, 2025. DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.17288.

MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MÜLLER, Fernanda (Org.). *Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 65-84.

CARVALHO, Rodrigo Saballa. de. **Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na educação infantil.** Teias, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 124-141, 2015.

COELHO, Patricia. Julia.. Narrativas de crianças sobre o brincar: culturas infantis e relação intra/intergeracional. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 9, n. 24, p. e1159, 2024. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1159.

COSTA, Andrize Ramires. **As crianças e o brincar no contexto escolar: tempos (in)sensíveis.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília, v. 42, p. 1-7, 2020.

16

CRUZ, Silvia. Helena. Vieira. (2009). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. *Cadernos De Pesquisa*, 39(136), 330.

DELLA FLORA, Maristela. **O brincar da criança com elementos da natureza no espaço do parque na Educação Infantil.** 2019. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. EL PRIORE, M. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES. Natalia. Brincar. In: TOMAS, Catarina. TREVISAN, Gabriela.; CARVALHO, Maria. João. Leote.; FERNANDES, Natalia. (Orgs.). **Conceitos-chave em Sociologia da Infância.** Perspetivas globais/Key concepts on Sociology of Childhood. Global Perspectives. Braga: UMinho, 2021. p. 77-81.

FOCHI, Paulo Ssergio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In: FINCO, D; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. de (org.) **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro.** Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015, p. 221-232.

GIRARDELLO, GILKA. **“Eu tenho uma coisa pra contar”:** inspirações para a escuta das narrativas infantis. Revista da FUNDARTE, Montenegro, v. 42, n. 42, p. 1-20, 2020.

GEERTZ, Clifford. (1998). O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". **Cadernos DeCampo**, São Paulo. (1991), 7(7), pp. 205-235.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas das pesquisas com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MACEDO, Neusa. Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. 2. ed. São Paulo: Unimarco, 1994.

FONSECA, Maria. Lucia Nunes. da. (2026). O BRINCAR E AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM E A EXPRESSÃO INFANTIL. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 12(4), 1-9.

MODLER, Néboraz Lazzarotto; CARVALHO, Rodrigo. Saballa. de; RHEINGANTZ, Paulo. Afonso. **Crianças e pátios escolares**: significados, valores e afetividades. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, Natal, v. 9, n. 2, p. 77-92, 2024.

PIRES, Graciele Oliveira., SANTOS, Ananda Vieira. dos, & CARDOSO, Marilete Calegari. (2025). Brincar contra os muros: o corpo infantil e a luta por presença e natureza. *Caderno Pedagógico*, 22(12), e2095

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. Crianças, natureza e educação infantil. In: **Reunião Nacional da ANPED**, 43., 2024, Niterói. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED, 2024.

TIRIBA, Léa.; PROFICE, Christiana Cabicieri. **Desemparedar infâncias**: contracolônialidades para reencontrar a vida. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 56, maio/ago. 2023.

TIRIBA, Léa.; SANTOS, Zemilda dp Carmo.; SCHAEFER, Katia Almeida Bizzo. Na contramão da BNCC: do do emparedamento colonizador ao livre brincar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e86018, 2023.

VIANA, Cássio. Vinicius. Afonso; IMBRIZI, J. M.; JURDI, A. P. S. Narrativas sobre o brincar: aproximação da experiência infantil. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, p. 1-12, 2017. . Acesso em: 08 de jun. 2026.